



2º CADERNO

Contagem regressiva para a festa global da música

Setembro chegou e com ele o Rio e o mundo entram em contagem regressiva para o mais grandioso evento musical do planeta. Parece que foi ontem, mas o Rock in Rio está completando 40 anos. Muita coisa mudou no festival desde sua primeira edição no verão de 1985. O Rock está no nome, mas todas as tribos se encontram na Cidade do Rock e aquele sonho ambicioso do empresário Roberto Medina tornou-se um espetáculo da máxima grandeza. Veja nas páginas seguintes um pouco dessa história que celebra a diversidade e, acima de tudo, um mundo melhor.



'Meu Amigo Robô' chega ao streaming sob chancela MUBI

PÁGINA 4



Livro de temática gay leva autora a se exilar da Rússia

PÁGINA 6



'Duetos' volta aos palcos cariocas após giro nacional

PÁGINA 7



Divulgação



Deep Purple

Divulgação

Divulgação

Jorge Bispo/Divulgação



Lulu Santos

Divulgação



Mariah Carey

Divulgação



Paralamas



21 Savage



Ivete Sangalo

Por Amanda Cavalcanti (Folhapress)

Em sua autobiografia “Pra que Serve Esse Botão?”, o líder do Iron Maiden, Bruce Dickinson, dedica um capítulo inteiro à primeira edição do Rock in Rio, em 1985. A banda se apresentou na noite de abertura do festival, e Dickinson, que fez metade do show ensanguentado depois de se irritar com uma falha no som e quebrar sua guitarra na própria testa, classifica a apresentação como “um show que fez o Iron Maiden estourar num continente inteiro da noite para o dia”.

A descrição sintetiza a potência que o festival, criado pelo empresário Roberto Medina, construiu desde a sua estreia, há quase quatro décadas, quando pôs o Brasil na rota dos megashows de estrelas estrangeiras que hoje fazem residência no país, ao mesmo tempo em que conduzia a profissionalização das apresentações de artistas brasileiros, dos roqueiros que estiveram nos palcos do festival desde o princípio até os sertanejos, que só farão sua estreia na edição deste ano do evento.

Por meio da música, o Rock in Rio espelhou momentos importantes da história recente do Brasil. Sua primeira edição aconteceu às vésperas da eleição de Tancredo Neves, o primeiro presidente eleito democraticamente depois da ditadura militar. “Veio aquele momento de muita esperança”, diz Maurício Barros, um dos fundadores do Barão Vermelho, que se apresentou na noite do pleito que elegeu Tancredo. Cazuza, que integrava

Há 40 anos na rota dos megashows mundiais



Como o Rock in Rio espelhou e moldou a música brasileira em quatro décadas de vida

Divulgação



Imagine Dragons

Leo Aversa/Divulgação



Capital Inicial

o grupo, terminou de cantar “Pro Dia Nascer Feliz” desejando “um Brasil novo, com uma rapaziada esperta”.

A sensação não foi muito diferente do que aconteceu na última edição, há dois anos, às vésperas das eleições que levaram Lula de volta ao Palácio do Planalto, com protestos sobretudo contra Jair Bolsonaro, de artistas nacionais, como Ivete Sangalo, a estrangeiros, como o Green Day.

Como Dickinson, Barros se lembra do público daquela noite de 1985 como o maior para o qual a banda havia tocado até então. O rock brasileiro estava em ascensão, com o line-up

do festival formado também por Os Paralamas do Sucesso e Kid Abelha. Na edição seguinte, em 1991, no Maracanã, houve ainda shows de Capital Inicial, Titãs e Lobão.

Bi Ribeiro, baixista do grupo Os Paralamas do Sucesso, diz que o festival foi o principal espaço de amadurecimento do rock brasileiro. “A gente estava muito atrasado em termos técnicos. Muitos artistas reclamavam do som, mas as pessoas não sabiam usar aquilo. Tudo era muito moderno.”

Não que a relação do festival, e também do público, tenha sido sempre boa com os artistas brasileiros. Na primeira

Divulgação

**Pitty**

Steff Lima/Divulgação

Divulgação

**Ludmilla****Kate Perry**

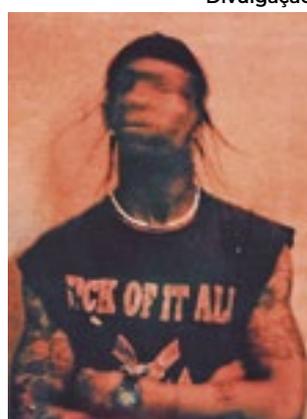
Divulgação

**Avenged Sevenfold**

Divulgação

**Ed Sheeran**

Divulgação

**Travis Scott**

Divulgação

**Joss Stone**

Divulgação

**Evanescence**

Divulgação

Divulgação

**Ney Matogrosso****Shawn Mendes**

Divulgação

**Barão Vermelho**

2011, quando a Cidade do Rock foi construída de forma permanente, para edições bienais do festival, que se tornou um “parque temático da música”, com brinquedos e estandes, afirma o seu CEO, Luis Justo.

De fato, há muito além de música no Rock in Rio e também nos outros festivais dos mesmos organizadores, como o The Town, que estreou em São Paulo no ano passado, e o Lollapalooza, também na capital paulista, que teve sua primeira edição sob a batuta da empresa comandada por Roberto Medina neste ano.

A presença desses elementos às vezes é tamanha que se torna um alvo de críticas de parte do público por dominar o espaço, como aconteceu no The Town. Justo diz que, no próximo Rock in Rio, “as pessoas certamente poderão circular com mais facilidade”. Medina acrescenta que, sem os patrocinadores, é impossível pôr de pé toda a estrutura necessária para um festival desse porte -- a organização estima que o investimento da próxima edição gire em torno de R\$ 1 bilhão.

A presença dos patrocinadores, aliás, foi um dos motivos que levaram ao cancelamento do evento em Las Vegas. Na cidade americana, o Rock in Rio reuniu astros como Taylor Swift e Metallica, mas não deu lucro o suficiente e acabou cancelado depois.

“A conversa com patrocinadores americanos é muito difícil. Os caras são soberbos. ‘Um latino não pode fazer o maior evento do mundo’, eles pensam. Então eu tirei o pé de lá”, disse Medina, ao realizar o festival em Lisboa, no último mês de junho.

Críticas e discussões mercadológicas à parte, há muitas novidades na próxima edição, afirma Justo. Uma delas é o Global Village, uma área com restaurantes, shows e reproduções de construções que são símbolos arquitetônicos mundiais, como o Taj Mahal.

Os palcos também serão diferentes. O palco Mundo, onde se apresentam as maiores atrações, recebeu novos telões de LED. Agora serão seis, o que promete melhorar a experiência do público que vê os shows mais distante dos artistas.

O palco Sunset, até então tido como secundário, foi reestruturado e agora está do tamanho do palco Mundo. Também mudou de lugar, para receber multidões de maneira mais confortável em shows de estrelas como Mariah Carey, Tyla e o grupo Deep Purple. “A partir dessa edição, está claro para todo mundo que a gente tem dois palcos principais no Rock in Rio”, diz Justo, lembrando ocasiões em que apresentações de superestrelas nesse espaço, como a de Ludmilla na última edição, causou comoção nas redes sociais.

O palco Supernova, criado há cinco anos, também estará em uma nova localização. Rappers como N.I.N.A. e Duquesa e bandas como Crypta e Dead Fish se apresentarão nessa área, que fará parte de um complexo que incluirá também o Global Village, o Espaço Favela e o palco eletrônico, o New Dance Order. A grama sintética e os banheiros também foram renovados, em investimentos que mostram por que, mesmo após quatro décadas e o surgimento de outros megaeventos, o festival continua sendo o maior da América Latina.

SERVIÇO

ROCK IN RIO | Cidade do Rock (Av. Emb. Abelardo Bueno, 3.401, Barra da Tijuca)

Programação completa: www.rockinrio.com/rio/pt-br/line-up/ | Ingressos disponíveis para os dias 15, 19 e 21/9 em www.rockinrio.com | R\$ 795

edição, Herbert Vianna, líder dos Paralamas do Sucesso, deu uma bronca na plateia, que os via enquanto esperavam para ver nomes como Freddie Mercury com o Queen, Rod Stewart, Ozzy Osbourne e o grupo AC/DC.

A terceira edição do festival, em 2001, foi marcada pelo boicote de diversas bandas brasileiras, sob a liderança do grupo O Rappa, por uma cláusula contratual que os impedia de passar o som para a regulagem final dos instrumentos.

Mas hoje os conflitos são só história, e os brasileiros terão um dos sete dias do evento só para eles. É o chamado “Dia

Brasil”, com shows divididos por gêneros, contemplando da música clássica ao rap.

Os headliners dos outros dias são Travis Scott, Imagine Dragons, Avenged Sevenfold, Ed Sheeran, Katy Perry e Shawn Mendes. Eles encabeçam um line-up formado por 750 artistas e estão entre os quase 4 mil nomes que já se apresentaram ao longo das 24 edições do evento desde 1985.

Além da capital fluminense, o Rock in Rio passou por Lisboa, Madri e Las Vegas, nos Estados Unidos. Nas últimas décadas, também se profissionalizou. Um dos marcos foi em

CORREIO CULTURAL

Divulgação Max



A série mostra Buscapé 20 anos depois

Max anuncia a segunda temporada de 'Cidade de Deus'

Aposta da Max para o segundo semestre, "Cidade de Deus: a Luta Não Para" já tem uma segunda temporada engatilhada. A série, um spin-off do filme de 2002. A trama se passa em 2004, vinte anos depois dos acontecimentos do filme, e acompanha a vida de Buscapé (Alexandre Rodrigues) e outros personagens da tra-

ma original, como Berenice (Roberta Rodrigues) e o líder dos "caixa baixa" Bradock (Thiago Martins).

A primeira temporada conta com seis episódios, que são liberados todo domingo às 21h na plataforma de streaming. A série é produzida pela O2 Filmes com produção de Andrea Barata Ribeiro e Fernando Meirelles.

Golpe da IA

Tom Hanks usou as redes sociais para alertar os seguidores contra o anúncio de uma medicação vendida como "milagrosa". Ele alega que usaram sua imagem de forma indevida e que a propaganda teria sido criada por inteligência artificial.

A resposta é 'não'

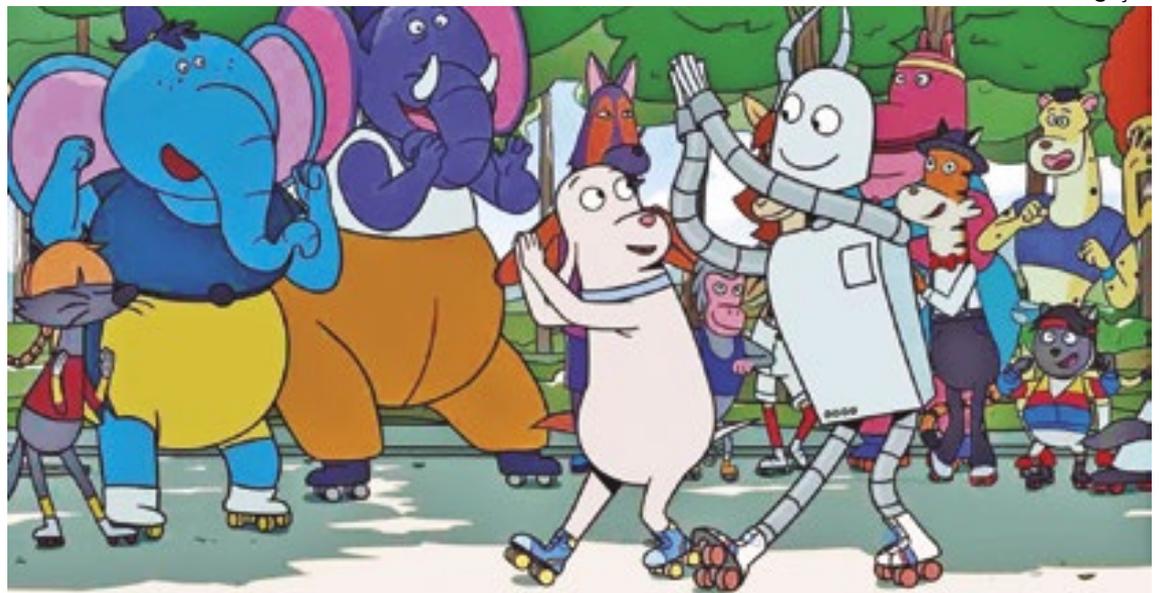
Angelina Jolie se recusou a falar do divórcio com Brad Pitt em entrevista ao The Hollywood Reporter. "Posso perguntar qual é a situação do seu divórcio?", questionou a repórter Rebecca Keegan, que recebeu um "não" como resposta.

Golpe da IA II

O ator reforçou não ter dado autorização para a empresa que diz ser a fabricante das medicações. "Não tenho nada a ver com essas postagens ou com os produtos e tratamentos. Também não conheço as pessoas que promovem essas curas", avisou.

A resposta é 'não' II

A atriz analisou a mudança a respeito da fama sobre a vida pessoal. Ela contou que precisa morar em Los Angeles por conta do divórcio, mas que pretende se mudar da Califórnia com os filhos quando os mais novos completarem 18 anos.



'Meu Amigo Robô', de basco Pablo Berger, conquistou Cannes e concorreu ao Oscar

'Bromance' à espanhola

No meio termo entre amizade e paixão, 'Meu Amigo Robô' engata carreira de sucesso no streaming

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Faminta por prêmios em sua passagem pelo Festival de Veneza com "The Room Next Door" (o novo Almodóvar), a indústria audiovisual espanhola tem aberto muitas frentes, inclusive na animação, com franquias de prestígio como "As Aventuras de Tadeo". Há muitos títulos ibéricos recentes animando as salas de exibição do mundo, mas o mais prestigioso de todos os desenhos espanhóis agora ensaia carreira no streaming: "Meu Amigo Robô" ("Robot Dreams"). Lançado em projeção especial no Festival de Cannes, esse estudo sobre companheirismo do basco Pablo Berger concorreu ao Oscar, em março, e, amparado na boa acolhida que teve na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, inicia bem-sucedida trajetória pelas plataformas digitais. No Brasil, o filme vai entrar na grade da MUBI, no dia 13.

Há um toque de love story em seu roteiro. Embora pareça apenas

amizade (das boas), o rala e rola de afetos entre um cãozinho queer e um androide fã de sorvete, retratado no longa de Berger, beira uma paixão... daquelas serenas que duram, duram, duram... O que a produção narra é um bromance, o benquerer de pessoas amigas.

Sua argamassa é um quadrinho. Com cerca de 100 mil cópias vendidas, a HQ "Robot Dreams", de Sara Varon, tornou-se um best-seller tão grande para um gibi gestado fora do ventre da Marvel ou da DC que o cinema não poderia ignorá-lo. Quem acabou por comprar o projeto foi um cineasta independente. Berger adaptou a trama para públicos abertos ao chamado family film (formato capaz de agradar crianças e marmanjos), mas, afeitos a narrativas mais ousadas moralmente. Ousadia que abriu as portas de Cannes para Berger e sua sua releitura com sabor de nostalgia e referências a um sucesso de outrora, "Kramer vs. Kramer".

"Amo esse filme, a estética de seu diretor (Robert Benton), seu ator (Dustin Hoffman). Meu protagonista, um cachorro com jeito de gen-

te, é o Hoffman. Mas não usamos diálogos. Existe até uma cena em que aparece um outro animal levando o filho pequeno para aprender a andar de bicicleta. É uma homenagem direta aos Kramers. Tem homenagem ao De Niro de "Taxi Driver" também. A nossa vida de cinéfilo é cheia de referências a Nova York", disse Berger ao Correio da Manhã em Cannes.

Berger aposta numa estrutura simples: não usa efeitos de computação gráfica em 3D, visual poligonal ou diálogos educativos. Aliás, nem diálogo seu filme tem. Não precisa. Os olhares de seu protagonista canino dizem tudo. "Uma imagem pode ser mais forte do que mil palavras, desde que calçada por um som adequado. Pelo menos é isso o que faz do cinema uma arte com gramática própria", disse o diretor. "Eu sou um cara da velha guarda, que cresceu vendo desenhos animados sobre amigos, e queria que cada frame desse novo projeto emulasse uma metáfora da solidão e da importância de uma amizade, sobretudo depois do isolamento que a covid-19 nos impôs. Falta toque, falta olho no olho".

"Meu Amigo Robô" se ambienta nas estações do ano em que o cão de vida vazia quebra sua inércia emocional ao comprar um ser sintético (dotado de IA) para ser seu companheiro de dia a dia. "Tem uma coisa de 'O Mágico de Oz' no filme, com o Homem de Lata que sonha em ter um coração. Meus sonhos, em geral, são coloridos. Queria isso num filme sobre sonhos", diz.

CRÍTICA / FILME / ESTÔMAGO II - O PODEROSO CHEF

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sêneca (4 a.C. – 65 d. C.), o filósofo que dizia “viver significa lutar”, instigava seus ouvintes à arte da sobriedade ao sugerir: “Nada é tão lamentável e nocivo como antecipar desgraças”. Essa sugestão do pensador parece ser o lema de Caroglio, um Al Capone de falar sedutor, e paladar requintado que estrela o filme “Estômago II – O Poderoso Chef”.

Num trânsito entre sua Itália natal e o Brasil, o contraventor acabou preso por aqui, passando uma temporada por trás das grades que, oposta à vontade da Justiça, serve com perfeição às suas artimanhas a fim de se estabelecer com destaque na senda do crime.

Diante do conflito iminente de controle, no comando do conjunto de celas onde é alocado, por conta de uma rusga com outros internos, ele destila temperança ao dizer apenas “Deixa comigo”, quando lhe exigem uma tomada de posição diante dos adversários. Cada passo dado – assim como cada prato sorvido – pelo criminoso de sapatos finos e prosódia mansa parece um movimento de enxadrista, um deslizar de peças num tabuleiro de ilegalidade(s) e disputas territoriais que faz da saga de ascensão desse personagem uma aula de sociologia.

Dirigida com um ritmo preciso por Marcos Jorge, a continuação da comédia sombria de 2007 chega às salas de exibição do país calçada numa série de vitórias na competição oficial do 52º Festival de Gramado, realizado em agosto. Caroglio, com todo o seu ardil, seduziu o júri da maratona cinéfila gaúcha e garantiu ao genovês Nicola Siri o troféu Kikito de Melhor Ator por seu magistral desempenho. Só a sequência de abertura, no qual ele faz uma expositiva análise dos sabores da vida, seguida por um gesto mortífero, já basta para ilustrar a maturidade de seu intérprete, evocando o Robert De Niro de “Os Intocáveis” (1987).

O Kikito de Siri foi dividido com seu coprotagonista, João Miguel, hilário (uma vez mais) na retomada de seu personagem mais inesquecível, o cozinheiro e presidiário Raimundo Nonato, o Alecrim. Seu regresso contagiou Gramado, onde sua nova aventura foi eleita o melhor filme pelo júri popular da cidade. Essa consagração amplia a visibilidade dessa produção de CEP paranaense, que chega como uma lufada de picardia na atual cena brasileira de títulos em circuito, inflamada de pautas políticas (mais do que bem-vindas) e um tanto carente de ironia.



Nicola Siri e João Miguel saíram premiados do Festival de Gramado por suas atuações como Don Caroglio e Raimundo Nonato nesta celebrada sequência da comédia sombria de 2007

Geografia(s) da fome

Migrante do Nordeste, confinado há cerca de 15 anos num presídio de segurança moderada, Nonato ainda equilibra subserviência e potência em sua maneira de lidar com os líderes que o cercam, os oficiais (como o diretor da instituição e os agentes carcerários) e os ilegais, como é o caso de Etecetera. Esse é nome do bandidão (encarnado com graça por Paulo Miklos) que se tornou o “xerife” da prisão ao fim do “Estômago” original.

Truculento, sem modos, ele pede a seu mestre-cuca de plantão para cozinhar um banquete de boas-vindas para Caroglio. Espera receber o europeu – e sua claqué de comparsas italianos – com sustância, não apenas por uma medida de “boa vizinhança”, mas para deixar evidente que quem manda é ele. Etecetera só não contava com a fome de Caroglio. Não a fome por rigatoni com berinjela, mas, sim, seu apetite irrefreável por poder.

É sobre esse apetite (e as formas de saciá-lo) que fala o roteiro escrito por Bernardo

Rennó, Lusa Silvestre e o próprio Marcos Jorge. É um roteiro que dialoga com os thrillers do mestre napolitano Francesco Rosi (1922-2015), sobretudo “Cadáveres Ilustres” (1976).

Esse é um clássico que voltará à tela grande este mês na retrospectiva “Itália Violenta”, organizada pelo 72º Festival de San Sebastián (20 a 28 de setembro), debruçando-se sobre a tradução do poliziesco, a dramaturgia criminal (de tintas sociais) desenvolvida pelo Velho Mundo a partir do fim da II Guerra. É com ela que a estética de Marcos Jorge conversa nessa parte dois de “Estômago”, aproximando o cinema brasileiro de um filão – as narrativas mafiosas – com o qual essa pátria de milícias pouco conversa nas telas.

A ascensão de Caroglio no longa – que é narrada num processo de montagem elegante, de idas e vindas no tempo – ajuda o Brasil a compreender melhor o saldo miliciano que assaltou até o Palácio do Planalto. Há um

espírito crítico cáustico na escrita de Rennó, Lusa e Jorge (coroada também com um Kikito) que expõe as dinâmicas de opressão efetuadas por Caroglio numa fricção com sua família (ou seja, sua facção na Itália), diante da chegada de uma possível nova liderança, encarnada por Valentina Galante (Violante Placido, em delicada atuação). Se em solo europeu, Valentina é ameaçada por um jugo machista, em terras verde e amarelas, a ameaça ao bem-estar do submundo está na bestialidade de Etecetera.

O processo digestivo da dramaturgia de “Estômago II: O Poderoso Chef” – colorida de modo dionisíaco pela fotografia de Kauê Zilli e Maura Morales Bergmann – é guiado pela forma como Caroglio ruma os percalços por que passa e tempera seus planos de revanche. Ex-cozinheiro num restaurante de comida brasileira em sua pátria natal, ele sabe a iguaria certa para deixar barrigas cheias e para causar indigestão. Na trattoria da delinquência, ele sabe o valor culinário (e afetivo) de Nonato, a quem chama de Rosmarino, na tradução literal da erva que dá um gostinho bom a seus pratos de ouriço e macarrão. Nonato, com seu jeito de João Grilo, de anti-herói pícaro, é o molho que tempera a salada de golpes de um vilão singular. Um vilão que consagra o binômio de talento e carisma de Nicola Siri, no apogeu de seu ferramental cênico.

Paulo-Roberto Andel

Para ser garoto

Você tem que ser maduro. Tem que ser adulto. Agir conforme a sua idade. Se manca! Não seja ridículo!”

Eu não. Nunca fui adulto direito. Tive e tenho todas as responsabilidades, pesos, decepções, angústias e aflições inerentes à vida adulta, mas sinceramente nunca foi a minha.

Sempre quis ser garoto. De certa forma, continuo assim, embora minha vida adulta seja tão precária, arriscada e precisando de muitos cuidados.

Eu queria ser sempre garoto pra jogar bola na praia escura de noite, jogando na intuição da areia deserta.

E claro, poder ter pai e mãe, mesmo com todos os problemas que tínhamos para sobreviver. Só em tê-los por perto seria maravilhoso.

Ainda me sinto garoto quando posso ver desenhos animados, ou rever alguma série antiga no YouTube. Garoto para sentir falta dos meus cinemas de rua, todos mortos agora. Longe de ser fácil, minha vida tinha futuro quando garoto e isso faz toda a diferença. Havia muito a ser feito. Continua havendo, o problema é que a amputação já derrubou muita areia.

Ser garoto em Copacabana era diferente de tudo, incomum, mas ao mesmo tempo normal demais. Eu perseguia as ruas sem nenhum tostão, decorava os nomes das ruas, dos prédios, das garotas bonitas de cada quadra. Andava muitas vezes sozinho. Espiava lojas antigas, imaginando quanta gente havia passado por ali. Boa parte do meu tempo de garoto e adolescente foi vivido numa casa, a do meu amigo Fred. A ele devo o aprofundamento do meu gosto musical. Ele comprava muitos LPs e ouvíamos - deve ser estranho explicar aos jovens que os jovens de 40 anos atrás se reuniam

para ouvir música.

Garoto, fiz acampamentos escoteiros inesquecíveis. Também assisti shows esplêndidos, dos maiores. Pratiquei esportes, namorei, tive uma vida até boa, ao mesmo tempo que sofria por tanta coisa. Eu queria pouca coisa na vida. Nunca tive apego a bens, riqueza, cargos ou fama. Só queria ter uma pequena casa, algum conforto, livros, discos e refrigerante. Bermudas grandes e chinélos bem grandes. Meus botões, melhor lembrança que tenho da infância, quase todos dados pela minha amada mãe.

Garoto, eu ainda vejo o mundo de forma menos destrutiva. Ainda acredito na amizade, no amor e em bons sentimentos. Que pessoas que cometeram erros terríveis podem se reabilitar. Acredito que o ódio é estúpido e absolutamente inútil, assim como a empáfia e a arrogância. Quero continuar garoto para acreditar que o ser humano ainda é viável.

Os que me chamam de imaturo ou boboca não sabem nada de mim. Nunca passaram fome ou outras necessidades, nunca passaram por humilhações diárias nem sabem o que é viver dois anos sem dormir direito por medo. Pessoas maduras que se orgulham de seus tribunais de merda, onde julgam a tudo e a todos, menos a si mesmas. Não sabem nada de maturidade.

Quero ser garoto para continuar amando os bichos e sabendo que eles são muito mais inteligentes do que imaginamos. Ser garoto para acreditar que a paz é possível, assim como viver sem humilhar ou agredir quem quer que seja - coisas absolutamente impossíveis no mundo dos adultos maduros e responsáveis. Ser garoto para um dia encontrar essa tal paz, de verdade. Ainda não consegui.



Divulgação

As autoras Elena Malísova e Katerina Silvánova: a russa foi ameaçada de morte e até de prisão

O romance que provocou um exílio

Sucesso de livro com temática gay obrigou autora e deixar a Rússia

Por Guilherme Luis (Folhapress)

A russa Elena Malísova já escrevia romances gays muito antes de ser ameaçada de morte por causa de um deles. Recém-lançado no Brasil, seu “Verão de Lenço Vermelho” viralizou na Rússia e a projetou para o mundo. Mas uma perseguição liderada por grupos homofóbicos e políticos conservadores há fez fugir do país há dois anos.

Em meio ao caos, encontrou apoio na amiga ucraniana Katerina Silvánova, que escreveu o romance

com ela. Juntas, elas criaram a história do menino Iura, que decide visitar o acampamento onde, na adolescência, viveu o amor mais importante da sua vida com um garoto chamado Volódia. Enquanto rememora sentimentos, ele procura ali vestígios do antigo amado.

Sua relação impossível começa nos anos 1980, sob o regime da União Soviética, quando o sexo entre homens era proibido por lei e homossexuais eram considerados doentes.

A Rússia pouco mudou, desde então, a forma como trata pessoas

LGBTQIA+. O país proíbe, desde 2013, a promoção do que considera “relações sexuais não tradicionais” - o que chama de “propaganda gay”. O pretexto da lei era a proteção de crianças, mas há dois anos ela foi endurecida, estendendo a proibição da tal propaganda também para adultos.

Em paralelo, a Rússia aumentou a censura contra produtos culturais de temas queer, com livros e filmes sendo cada vez mais cerceados, como no caso de “Verão de Lenço Vermelho”, banido por lá.

A perseguição começou no Telegram, com grupos de pessoas pedindo que fosse censurado. Os argumentos eram de que a trama suja a história da União Soviética, faz apologia ao fascismo por criticar o comunismo, contém pornografia e incentiva a pedofilia - ainda que os protagonistas tenham apenas dois anos de diferença, um com 16 anos e o outro, 18.

“Esses grupos tinham milhares, até milhões de participantes. Usavam nossas fotos, diziam que queríamos transformar seus filhos em gays, escreviam que iriam nos matar”, diz Malísova à reportagem por videoconferência.

Apoiadores da comunidade LGBTQIA+, como as escritoras, são rejeitados pela sociedade russa e, em alguns casos, punidos com multas e até prisão, a depender de quão grave o governo considera a infração. Desde o fim do ano passado, a Rússia considera “movimento internacional LGBTQIA+” uma causa extremista.

A preocupação delas aumentou quando a caça ganhou endosso político, com ameaças de prisão. Malísova cita o deputado Vitáli Milónov, que atua há oito anos no Legislativo russo, que é conhecido por se opor a direitos LGBT.

O livro foi publicado na internet, de graça, e viralizou no Twitter, onde leitores repercutiam a obra com desenhos e comentários. Em meados de 2020, a febre migrou para o TikTok, bem na época em que a rede virou ferramenta fundamental para impulsionar a venda de livros. Foi quando atraíram atenção de uma editora e o livro foi parar nas livrarias. O resto é história.

Sucesso absoluto nos palcos pelo Brasil, “Duetos”, texto do premiado dramaturgo britânico Peter Quilter, com Patrícia Travassos e Eduardo Moscovis, chega à Barra da Tijuca pela primeira vez em curtíssima temporada. O palco será o Teatro Multiplan, no VillageMall. Com direção de Ernesto Piccolo, o espetáculo já foi assistido por mais de 100 mil pessoas e percorreu, com lotações esgotadas, 12 capitais brasileiras.

Encenado em mais de 20 países e traduzida para 10 idiomas, o texto de Quilter examina e retrata de forma cômica o mundo caótico dos relacionamentos modernos, onde a grama do vizinho é sempre mais verde que a nossa, através de quatro histórias de uma mulher e um homem - não necessariamente casais - às voltas com seus próprios desejos e traumas em busca do amor, e enfrentando a solidão.

“A peça, na sua essência, fala de solidão mesmo, e de uma forma muito divertida. Das relações mais diversas que o ser humano experimenta para tornar a solidão menos dolorosa. É uma lente de aumento, uma sátira dessas situações”, afirma o diretor Ernesto Piccolo.

Em “Encontro às Cegas”, Jonathan e Wanda marcam um encontro através de um aplicativo de relacionamento. Ambos se esmeram para agradar, mas nada sai como o esperado. Eles esperam desta vez acertar.

A segunda história é “Quase Casados”. Jane prepara uma festa de aniversário para seu chefe, Ary. Ele não se interessa por mulheres, mas ela não vê isso como empecilho para um possível casamento. A esperança é a última que morre.

Em “Divórcio Amigável”, Shirley e Beto decidiram passar férias na Espanha para finalizar seu divórcio. Enquanto se afogam nos drinques, vão entendendo que estão longe de ser o ex-casal bem resolvido que pensavam.

“Duetos” finaliza com “Mais Uma Vez Noiva” em que Angela está se casando pela terceira vez, para desgosto de seu irmão Tobias. Pouco antes da cerimônia, uma sucessão de incidentes a leva a crer em mau presságio. Confusa, não sabe



Em ‘Quase Casados’, Jane (Patrícia Travassos) prepara uma festa de aniversário para seu chefe Ary (Du Moscovis) na esperança de seduzi-lo embora este não se interesse por mulheres

O mundo caótico dos relacionamentos em quatro atos

Sucesso em 12 capitais, a comédia ‘Duetos’, do dramaturgo inglês Peter Quilter, volta ao Rio em curta temporada no Teatro Multiplan

mais se quer casar.

“Eu amo comédia. Adoro assistir e adoro fazer comédia. E ter quatro histórias na mão é muito divertido. Quatro personagens, quatro pensamentos, quatro carências, quatro caracterizações. Está sendo muito rico para mim. Estamos chegando a lugares muito divertidos e ao mesmo tempo muito profundos - apesar de engraçados, os personagens falam de emoções muito humanas. Precisamos rir, mais do que

nunca”, comenta Patrícia.

Seu companheiro de cena endossa a colega e tece elogios ao dramaturgo inglês que concebeu esse espetáculo. “Peter Quilter é um ótimo autor. Sua peça ‘End of the Rainbow’, sobre a vida de Judy Garland, foi adaptada para o filme vencedor do Oscar de 2020, ‘Judy’. A qualidade dramática de ‘Duetos’ é impressionante. Ele retrata quatro situações de relacionamentos absolutamente hilárias e

próximas às nossas vidas”, ressalta Du Moscovis.

“Duetos” esteve em cartaz durante oito meses no Rio e seis meses em São Paulo, percorrendo ainda cidades como Curitiba, Belo Horizonte, Brasília e Fortaleza, sempre com casa lotada. São mais de 100 mil espectadores em 235 sessões, mais de 5 milhões de pessoas impactadas com a mídia espontânea e mais de 2 milhões de pessoas impactadas nas redes sociais. Mais de

20 mil ingressos foram vendidos com valor popular e mais de 10 mil ingressos distribuídos gratuitamente para ONGs e escolas. Em agosto, o espetáculo completou dois anos ininterruptos em cartaz.

No Festival de Teatro de Curitiba, o mais importante e prestigioso festival de teatro da América Latina, as duas apresentações, reuniram mais de 4 mil espectadores no Teatro Guaíra, com ingressos esgotados com mais de um mês de antecedência.

SERVIÇO DUETOS

Teatro Multiplan (Av. das Américas, 3.900, piso S51, Barra da Tijuca) | De 5 a 22/9, quinta a sábado (20h30) e domingos (19h) Ingressos entre R\$ 60 a R\$ 280

Carioca muito afinado

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Toda vez que vou fazer algo de arte, entretenimento, ouço a voz de Dick Farney (um cantor desses que só aconteceu no Rio, no século passado) cantando “um bom lugar para se amar, Copacabana”. Esse eco sempre me deixa feliz. Ainda mais no popularíssimo sextou, quando se consegue ir a um show raro de tão bom e um pós jantar com excelente comida. Esse programa também do século passado.

Fomos eu e Andy, meu amigo americano mais carioca do mundo ao Blue Note, a única casa do Rio a nos ofertar um programa completo. O show foi com três dos maiores e melhores músicos brasileiros. Chama-se Trem de Três com Carlos Malta (sopros), Jaques Morelenbaum (violoncelo) e Marcelo Costa (percussão). Só música brasileira. Muito Incrível.

Descemos para o jantar e fomos direto ao ponto: os drinques. A caipirinha é feita com a Cachaça Blue Note,

CRÍTICA / RESTAURANTE / BLUE NOTE RIO

Divulgação



Brodo di Mare, uma entrada farta

produzida no interior de Minas Gerais, tem a chancela das Cachaçarias Nobre e leva assinatura do cachaceiro Giovanni Pereira. Escolhemos o Passeio no Calçadão (vodca, gengibre, limão siciliano, hibisco e espuma de tangerina) que acompanharam as entradas do novo cardápio; Os Cariocas (caldinho de feijão servido com couve crispy, bacon crocante e farofa da casa); e pastéis de carne (carne desfiada com ovo, azeitona e salsinha) que nos deram total alegria. Couve crispy fritinha junta-se ao leve sabor de feijoada com os pastéis, crocantes, a carinha com jeito de casa com as raras presenças de ovo e azeitona.

Os principais foram do mar. O Brodo di Mare, o tradicional caldo italiano de camarões, lula e mexilhões, apesar de estar como entrada, é ótima opção para se dividir. Sabroso, os frutos do mar no ponto certo, o caldo para se mergulhar o pão e pensar la nave va. A moqueca Blue Note, caprichada nos peixes e nos outros do mar, com um caldo encorpado, temperada, sal e pimenta no ponto certo e servida com arroz soltinho e farofa de dendê. Saímos para o calçadão, respiramos a brisa, o cheiro e com a certeza de que o século passado deixou ótimos legados.

SERVIÇO

BLUE NOTE RIO

Av. Atlântica, 1910 - Copacabana

Terça a quinta (17h a 0h30), sextas e sábados (17h às 2h) e domingos (12h às 23h)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Por dentro do T.T.

As incríveis e maravilhosas “pirações” de Thomas Troisgros e Rafael Cavaliere estão no livro “T.T. Burger: hambúrguer de verdade” (Ed. Senac). Thomas e Rafa generosamente compartilham os segredos da casa, contando a trajetória do Grupo T.T, sua visão social e, é claro, as receitas de seus principais sanduíches que sempre privilegiam ingredientes 100% brasileiros, complementos, molhos e Sacodes (genuínos milk-shakes do T.T.). Com QR Code para visualizar o preparo, estão lá também as receitas de chefs amigos dos autores.

Lucas Jones/Divulgação



Divulgação



Boteco de resposta

O Portinha abre na Prado Junior com tudo a que um botequim tem direito. Chopp gelado, drinques autorais do maravilhoso Thiago Teixeira, acepipes da chef Joana Paula e operação de Rafael Cassel. Sob o comando da chef Tahís Lotif saem da cozinha pizzas, sardinhas, empadas, iscas de fígado, tremoços e sanduíche de cupim. Destaque para o drink Portinha (cachaça, vermute seco, conhaque defumado, xarope de tangerina): é para beber e dar risada com os amigos. É o primeiro bar de Bruno de Paula e seus sócios dos quiosques Ginga, Samba Social Clube e Areia MPB.

Tomás Vélez/Divulgação



Novidades no Oggi

Com assinatura do experiente chef José Barattino, o Oggi Pizza Napoletana está com novo menu em sua unidade Tijuca, tornando-se uma verdadeira tratoria. Barattino foi chef executivo do Eatly Brasil, do Hotel Emiliano, e passou pelo El Bulli, na Espanha, o grande templo da gastronomia molecular. A seção de pastas, todas feitas na casa, ganha um capítulo especial. O Taglioline nero com frutos do mar, alcaparras e leve toque de curry está entre as escolhas, além do Ravioli de ricotta de búfala, limão, pomodoro “espresso” e o Tortelli de abóbora, manteiga queimada e amêndoas.